



**FACULDADE PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA AMAZÔNIA-  
FADESA**

**JESSICA SOUSA NUNES  
MICHELE NASCIMENTO VIEIRA**

**A ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM NO CUIDADO À CRIANÇA  
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

**PARAUAPEBAS**

**2022**

**JESSICA SOUSA NUNES**  
**MICHELE NASCIMENTO VIEIRA**

**A ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM NO CUIDADO À CRIANÇA  
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (FADESA), como parte das exigências do Programa do Curso de Enfermagem, para obtenção do Título de Bacharel em Enfermagem.

Orientador: Profº. Jackson Luís Ferreira Cantão  
Jessica Sousa Nunes  
Michele Nascimento Vieira

**PARAUAPEBAS**

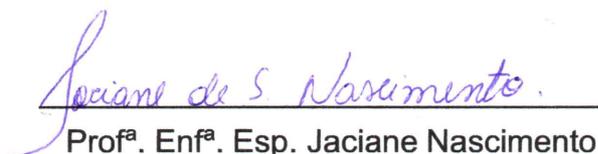
**2022**

**JESSICA SOUSA NUNES**  
**MICHELE NASCIMENTO VIEIRA**

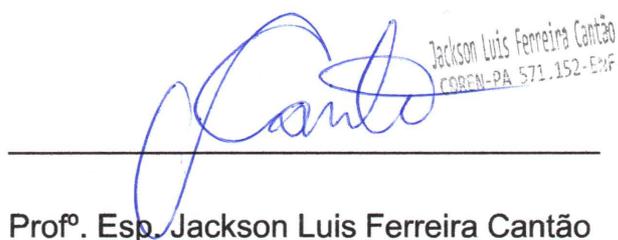
**A ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM NO CUIDADO À CRIANÇA  
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Faculdade para o Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (FADESA), como parte das exigências do Programa do Curso de Enfermagem, para obtenção do Título de Bacharel em Enfermagem.

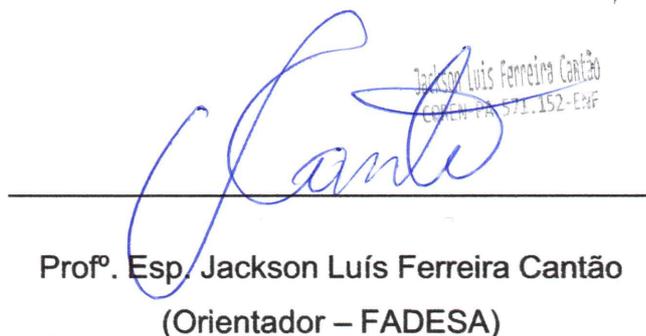
AVALIADO: 12 de dezembro de 2022.

  
Prof<sup>ª</sup>. Enf<sup>ª</sup>. Esp. Jaciane Nascimento

  
Prof<sup>ª</sup>. Enf<sup>ª</sup>. Esp. Mariana Rocha

  
Prof<sup>º</sup>. Esp. Jackson Luis Ferreira Cantão

  
Jessica Sousa Nunes

  
Prof<sup>º</sup>. Esp. Jackson Luís Ferreira Cantão  
(Orientador – FADESA)

Dedico a Deus que iluminou meu caminho durante toda minha caminhada. Aos meus pais, meu namorado e meus amigos que sempre acreditaram em mim e me apoiaram nos momentos mais difíceis em que eu achei que não conseguiria vencer. Ao meu primo Emanuel Lauan que convive bravamente com o Autismo.

Michele Nascimento Vieira

Dedico este trabalho de conclusão de curso a minha mãe, meu pai e meu irmão, que sempre me apoiaram e acreditaram no meu potencial, até quando eu mesma duvidei que não iria conseguir.

Jessica Sousa Nunes

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço a Deus, acima de tudo, pela oportunidade de existir e guiar meus passos para mais esta realização, iluminando-me e conduzindo-me pelos melhores caminhos para a concretização de todas as minhas conquistas.

Agradeço aos meus pais José de Ribamar e Ivanete Nascimento, por sempre me incentivar e acreditar em mim desde o início dos meus estudos. Amo vocês.

Ao meu namorado Rafael Órfãos, que desde o começo, esteve me apoiando em tudo, me incentivando, por nunca ter me deixado desistir, por sorrir comigo em cada conquista, e me encorajar em cada fracasso. Obrigado meu amor pela paciência, motivação, compreensão e por fazer do meu sonho o seu sonho também.

Te amo muito.

Aos meus amigos, em especial, minhas amigas, Bruna, Deisy, Edna, Jessica, Millena e Shara que a vida acadêmica me deu, que estavam ao meu lado nesta caminhada compartilhando aprendizagens e conhecimentos construtivos.

A minha amiga Aniessa Ribeiro, por toda ajuda e incentivo durante essa longa caminhada, obrigada por tudo amiga.

Ao meu professor e orientador Jackson Cantão por toda sua dedicação, colaboração e paciência durante o desenvolvimento deste trabalho.

Enfim, agradeço a todos que de alguma forma fizeram parte da minha jornada.

Meu muito obrigada a todos!

Michele Nascimento Vieira

## **AGRADECIMENTO**

Vou iniciar, agradecendo primeiramente a Deus, que permitiu que eu chegasse até aqui, me abençoou e me deu forças ao longo destes cinco anos. Quero agradecer a minha família que sempre me apoiou e acreditou em mim, então, obrigada minha mãe Mariene, meu pai Iriswaldo, meu irmão Raylson, e a todos meus familiares, vocês foram meus maiores incentivos para lutar e chegar até aqui, mesmo diante de tantos obstáculos impostos nestes longos anos.

Obrigada minhas meninas, Bruna, Deisy, Edna, Michele, Millena e Shara, vocês entraram na minha vida para somar, vocês sempre estiveram dispostas a ajudar, apoiar, brigar, sou grata a cada uma de vocês, sempre farão parte da minha vida, espero que continuemos sempre conectadas e presentes. Agradeço também a minha amiga Natyelen, por sempre me ajudar e por todo o apoio durante essa longa caminhada, obrigada por tudo amiga.

Também quero também agradecer ao meu professor e orientador Jackson Cantão, pela paciência e pela dedicação e por tornar possível este trabalho. Aos demais professores que passaram na minha vida durante esses cinco anos, agradeço cada palavra, o tempo dedicado, a paciência e o cuidado, sem vocês, esse caminho não seria possível.

Muito obrigada a todos.

Jessica Sousa Nunes

**“Superar é preciso. Seguir em frente é essencial. Olhar para trás é perda de tempo. Passado se fosse bom era presente.” Clarice Lispector**

## RESUMO

**Introdução:** O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do desenvolvimento que geralmente afeta crianças antes dos três anos de idade. A atuação do enfermeiro é fundamental para a identificação precoce dos sinais e sintomas do TEA, é de suma importância que os profissionais de enfermagem tenham o conhecimento necessário para detectar esses sinais e prestar assistência adequada. No entanto, tem se percebido um grande déficit de conhecimento por parte dos profissionais de enfermagem acerca desse transtorno. **Objetivos:** O estudo está pautado no objetivo de refletir sobre as condutas que os profissionais de enfermagem podem tomar para atender melhor crianças portadoras do Transtorno do Espectro Autista, promovendo melhor acolhimento do paciente e de seus familiares, tendo base o levantamento bibliográfico da pesquisa. **Método:** Como método de estudo, constituiu uma revisão integrativa da literatura de abordagem qualitativa. Os dados foram obtidos por meio das bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Medical Literature Analysis and Retrieval System on-line (MEDLINE) e BDEF (Base de dados em Enfermagem) que foram acessados via Biblioteca Virtual em Saúde (BVS); e no SciELO (Scientific Electronic Library Online). Após aplicar os critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 16 estudos para compor amostra desta revisão. **Resultados:** Os estudos trouxeram temáticas como: a importância do conhecimento do Transtorno do Espectro Autista frente a consulta de enfermagem; Condutas de enfermagem com crianças autistas e seus familiares. **Considerações finais:** Nesta revisão integrativa da literatura, foi possível reunir, sintetizar e avaliar os conhecimentos produzidos sobre a atuação do profissional de enfermagem no cuidado à criança com Transtorno do Espectro Autista, buscando assim aprofundar as discussões sobre tal temática, de modo a contribuir para uma prática de enfermagem baseada em evidências.

**Palavras-chave:** Cuidados de enfermagem; Assistência de enfermagem; Transtorno do Espectro Autista e autismo infantil.

## ABSTRACT

**Introduction:** Autism Spectrum Disorder (ASD) is a developmental disorder that usually affects children before the age of three. The role of nurses is essential for the early identification of signs and symptoms of ASD, it is of utmost importance that nursing professionals have the necessary knowledge to detect these signs and provide appropriate assistance. However, it has been noticed a great deficit of knowledge on the part of nursing professionals about this disorder. **Objectives:** The study is based on the objective of reflecting on the behaviors that nursing professionals can take to better care for children with the Autistic Spectrum Disorder, promoting better reception of the patient and their families, based on the bibliographic survey of the research. **Method:** As a study method, it constituted an integrative review of literature of qualitative approach. The data were obtained through the databases Latin American and Caribbean Literature on Health Sciences (LILACS), Medical Literature Analysis and Retrieval System online (MEDLINE) and BDEF (Database on Nursing) that were accessed via the Virtual Health Library (VHL); and SciELO (Scientific Electronic Library Online). After applying the inclusion and exclusion criteria, 16 studies were selected to compose sample of this review. **Results:** The studies brought themes such as: the importance of the knowledge of the Autistic Spectrum Disorder facing the nursing consultation; Nursing conducts with autistic children and their families. **Final considerations:** In this integrative literature review, it was possible to gather, synthesize and evaluate the knowledge produced about the role of nursing professionals in caring for children with Autism Spectrum Disorder, thus seeking to deepen the discussions on this topic in order to contribute to an evidence-based nursing practice.

**Keywords:** Nursing care; Nursing assistance; Autism Spectrum Disorder and Childhood Autism.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Caracterização das pesquisas segundo o título de pesquisa, seus autores e seus principais resultados. ....	28
<b>Tabela 2</b> - Detalhamento das pesquisas, segundo ano/periódico da publicação, metodologia e objetivo. ....	31

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 - Características do TEA .....</b>	<b>19</b>
--	-----------

## **LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS**

TEA: Transtorno do Espectro Autista

DeCS: Descritos em Ciências da Saúde

CD: Crescimento e Desenvolvimento

CER: Centros Especializados de Reabilitação

COREN: Conselho Regional de Enfermagem

CCF: Cuidado Centrato na Família

CAPS: Centros de Atenção Psicossocial

DSM: Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

SUS: Sistema Único de Saúde

TEACCH: Tratamento e Educação de Crianças Autistas e com Desvantagens na Comunicação

ABA: Análise Aplicada do Comportamento

PEP-R: Perfil Psicoeducacional Revisado

PECS: Sistema de Comunicação por Troca de Figuras

BVS: Biblioteca Virtual em Saúde

APA: Associação Psiquiátrica Americana

PubMed: National Center for Biotechnology Information

Lilacs: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>18</b>
2.1 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA .....	18
2.2 DIAGNOSTICO DO TEA.....	19
2.3 O ATENDIMENTO DA CRIANÇA COM TEA.....	21
2.4 A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM À CRIANÇA COM TEA.....	23
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	<b>26</b>
3.1 COLETA DE DADOS .....	26
3.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO .....	26
3.3 ANÁLISE DE DADOS .....	27
<b>4. RESULTADO</b> .....	<b>28</b>
<b>5. DISCUSSÃO</b> .....	<b>35</b>
5.1 A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA FRENTE A CONSULTA DE ENFERMAGEM.....	35
5.2 CONDUTAS DE ENFERMAGEM COM CRIANÇAS AUTISTAS E SEUS FAMILIARES .....	39
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>43</b>
<b>REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO</b> .....	<b>45</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Segundo a Associação Psiquiátrica Americana (APA, 2014), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado pela falta de desenvolvimento da comunicação e interação social, sendo que as crianças normalmente se desenvolvem até cerca de 3 anos de idade, e nessa faixa etária, começam a apresentar os sinais do TEA.

Portanto, é importante contar com uma equipe de saúde qualificada para auxiliar essas crianças em seus processos de desenvolvimento e acompanhamento para reduzir o impacto dessa condição sobre elas. Ainda segundo o mesmo autor, o transtorno do espectro autista é um transtorno multicausal e como tal, representa um enorme desafio de compreensão até mesmo pelos profissionais de saúde, ressaltando que o tratamento do transtorno do espectro autista está na base do tratamento realizado porque, de acordo com Mapelli et al. (2018), não existem medicamentos específicos para o autismo, que não é considerado uma patologia, mas sim uma condição de saúde.

Sua etiologia até então é desconhecida, no entanto, algumas causas podem estar relacionadas no seu desenvolvimento por exemplo, influências genéticas, vírus, toxinas, distúrbios metabólicos, intolerância imunológica ou falha no desenvolvimento de estruturas e funções cerebrais (PINTO, 2016).

Pode-se dizer que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) causa comprometimento do neurodesenvolvimento em crianças e, de acordo com Siegel (2008), pode apresentar déficits relacionados à comunicação e/ou interação social, ainda pode apresentar padrões repetitivos de comportamento, no entanto, apresenta esses aspectos em uma intensidade diferente para cada paciente, por isso este estudo mostrará ao leitor como uma criança se desenvolve nessa situação e como a enfermagem atua nessa perspectiva, bem como os riscos que podem ocorrer às crianças com esse transtorno e como tratá-la.

O profissional de enfermagem é parte importante no reconhecimento dos primeiros sinais e sintomas do TEA no que se refere à saúde da criança, avaliando o desenvolvimento da criança nas consultas de Crescimento e Desenvolvimento – CD. Portanto, é de suma importância que o mesmo tenha o conhecimento necessário para detectar os sinais e sintomas do TEA e prestar cuidados adequados à criança, proporcionar uma boa assistência de enfermagem à criança e ser capaz de orientar adequadamente a família (BORTONE, 2016; ARAÚJO, 2021).

Contudo, tem se percebido um grande déficit de conhecimento por parte dos profissionais enfermeiros sobre o TEA, e há carência de profissionais capacitados e qualificados para cuidar dessas crianças, atrasando seu tratamento e comprometendo a qualidade de vida das crianças e suas famílias (NASCIMENTO, et al., 2018).

A falta de conhecimento dos profissionais de enfermagem pode prejudicar o desenvolvimento e o tratamento da criança. O diagnóstico é apenas clínico e nenhum exame laboratorial ou de imagem pode detectar seu aparecimento (SOUSA, 2017).

A importância da capacitação dessa classe é enorme para a percepção do atraso no desenvolvimento e identificação precoce de transtornos como o Autismo é substancial (JOHNSON et al., 2012).

Prestar uma assistência de enfermagem as crianças com TEA requer um preparo dos profissionais para realizar uma assistência de qualidade e isso é um desafio para os profissionais de saúde, principalmente ao enfermeiro, que é o responsável por lidar com o paciente e a família, esforçando-se sempre para melhorar a qualidade de vida do paciente. A enfermagem tem como objetivo intervir na particularidade, nas características especiais e no desenvolvimento da criança, ao mesmo tempo em que atende a família para garantir o sucesso e a segurança do tratamento (BARBOSA e NUNES, 2017).

O interesse em realizar esse estudo surgiu, a partir das observações feitas durante algumas visitas na Unidade de pronto atendimento e no Hospital Municipal, localizados no município de Parauapebas-PA. Sendo possível presenciar a falta de conhecimento e manejo da equipe de enfermagem em relação a assistência à criança com TEA.

Este trabalho versa sobre a importância da assistência de enfermagem frente ao TEA na formação dos estudantes de enfermagem que irão atuar na área da saúde e precisarão lidar com o transtorno dentro de um ambiente hospitalar. A equipe de enfermagem deve ter conhecimento sobre o autismo, observar alguns comportamentos iniciais desordenados e encaminhar o paciente ao especialista para avaliações, diagnóstico precoce e encaminhamento adequado. O profissional deve estar preparado para ajudar a família e prestar um cuidado humanizado (CARNIEL, 2010).

De acordo com Silva (2011), o enfermeiro que atua junto à criança autista deve estar ciente de que se trata de uma síndrome caracterizada por respostas atípicas a estímulos visuais ou auditivos e graves problemas na compreensão da linguagem falada, são crianças que tem atraso na fala e, quando começam, usam pronomes de forma inadequada, ecolalia (quando repetem a última palavra ou sílaba que ouvem algumas vezes), e são incapazes de interagir socialmente tanto corpórea quanto verbalmente.

De acordo com o autor acima citado, até o momento, não existe uma abordagem específica e eficaz para crianças com autismo, e cada condição requer uma resposta diferente dos profissionais de saúde que os atendem. Portanto, os enfermeiros que trabalham com crianças com TEA devem ter uma sólida compreensão do transtorno e estar aptos a prestar assistência adequada aos pacientes.

É importante, para que o enfermeiro possa prestar uma assistência humanizada, para que a criança com TEA não se sinta ansiosa, humilhada, rejeitada, ameaçada ou ignorada, é preciso um preparo deste enfermeiro para conquistar a confiança com mais facilidade (SILVA., 2011).

É notório fazer os questionamentos sobre a importância do enfermeiro no cuidado e na assistência às crianças com autismo, como se dá a atuação do profissional de enfermagem no cuidado à criança com Transtorno do Espectro Autista, o que a equipe de enfermagem conhece em relação ao TEA, será que esse tema é abordado durante a formação profissional, já que é de extrema importância que o enfermeiro tenha conhecimentos em relação ao TEA. (SENA et al., 2015).

Criam-se hipóteses baseadas no fato de que o enfermeiro se torna o elo entre a equipe multidisciplinar e os cuidadores de crianças com autismo. Na prática, uma forma de inclusão para crianças com TEA é a explicação lúdica das intervenções de enfermagem por meio de histórias em quadrinhos, cada profissional tem uma visão limitada e por vezes preconceituosas das crianças com autismo. O conhecimento empírico se sobrepõe ao conhecimento científico e, como resultado, a assistência para crianças com autismo se mostra vulnerável (DARTORA et al., 2014).

Segundo os autores acima citados, é necessário incluir disciplinas ou conteúdos com maior ênfase no assunto, pois os profissionais têm interesse em aprender, embora em alguns casos faltam oportunidades, motivações e interesse

pelo autismo. Além disso, esse conhecimento não é repassado em sala de aula e os cursos de graduação ficam aquém das questões do autismo, assim como muitas outras, por não ser considerada uma disciplina comum e, assim, passar despercebida. Então, quando um profissional se depara com uma situação na prática, ele pode se perder porque não sabe cientificamente ou especificamente do que se trata, não sabendo como agir.

O estudo apresenta-se de grande relevância, pois possibilita o conhecimento da importância do papel da equipe de enfermagem no cuidado à criança com TEA. O estudo está pautado no objetivo de analisar através da literatura sobre as condutas que os profissionais de enfermagem podem tomar para atender melhor crianças portadoras do Transtorno do Espectro Autista, promovendo melhor acolhimento do paciente e de seus familiares, tendo base o levantamento bibliográfico da pesquisa. E como meta de objetivos específicos pretende-se analisar a importância da assistência de Enfermagem ao Transtorno do Espectro Autista, avaliar a percepção da Equipe de Enfermagem frente ao atendimento às crianças autistas e analisar a prática e o conhecimento da equipe de enfermagem acerca do Transtorno do Espectro Autista.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) (Associação Psiquiátrica Americana, 2014), o TEA é entendido como um transtorno do neurodesenvolvimento.

O transtorno do espectro autista é caracterizado por déficits persistentes na comunicação social e interação social em uma variedade de condições, incluindo déficits na reciprocidade social, comportamentos comunicativos não verbais usados para interação social e habilidades no desenvolvimento, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (Associação Psiquiátrica Americana, 2014).

Déficits na interação social e na comunicação são entendidos como dificuldades em iniciar e manter diálogos com função comunicativa. A perda de interação e comunicação social precisa ser manifestada qualitativamente, incluindo: dificuldade em iniciar e/ou manter conversas com pares e compartilhar interesses; uso insuficiente de comportamentos não verbais (contato visual, expressões faciais e gestos envolvendo interações); dificuldade de ajustá-los comportamentos para se adequar a diferentes contextos sociais; falta de reciprocidade social ou emocional; dificuldade em entender o jogo simbólico e a abstração (Associação Psiquiátrica Americana, 2014).

Padrões comportamentais restritos e repetitivos são caracterizados por: uso de objetos ou fala estereotipada ou repetitiva; adesão e apego a padrões estereotipados e restritos com interesses especiais; insistência no rompimento inflexível com rotinas e/ou rituais; estereótipos de movimento hiper ou hiporreatividade; respostas altas ou baixas aos estímulos sensoriais. As características devem aparecer no início do desenvolvimento de uma criança (Associação Psiquiátrica Americana, 2014).

O TEA não é um transtorno degenerativo, e o aprendizado e a compensação individual normalmente continuam ao longo da vida. Os sintomas são geralmente mais pronunciados na primeira infância e na primeira idade escolar. As dificuldades podem ser amenizadas em alguns casos se ocorrer intervenção terapêutica ou compensação pessoal, mas ainda são suficientes para causar danos a áreas importantes da vida de um indivíduo (Associação Psiquiátrica Americana, 2014).

## 2.2 DIAGNÓSTICO DO TEA

O diagnóstico do TEA exige muita observação dos sinais e sintomas, assim como a maneira de comunicar isso aos familiares, pois ainda existem muitas dúvidas sobre o tratamento correto devido ao grande mistério de como a doença é causada, e assim deixa os pais um pouco apreensivos. Portanto, há necessidade de manejo e coerência na realização de tal diagnóstico, dando aos familiares a oportunidade de compreender que o indivíduo tem boas chances de conviver bem com essa condição de saúde. Claramente, existem poucos recursos disponíveis hoje para diagnosticar indivíduos suspeitos de autismo, pois mesmo com tantas pesquisas, o diagnóstico de TEA ainda carece de biomarcadores que definam com precisão o transtorno (ONZI; GOMES, 2015).

**Figura 1 - Características do TEA**



**Fonte:** Google Imagens (2020)

Conforme relatado anteriormente, o TEA não tem causa clara, portanto os sinais e sintomas podem variar de pessoa para pessoa, e de acordo com Onzi e Gomes (2015), algumas pessoas podem ser mais atentas, ou mais sociáveis, ou ainda mais intelectuais que outras, ou seja, cada caso é independente e tem suas especificidades, por isso é importante que as famílias fiquem atentas aos primeiros sinais do TEA e busquem orientações, quanto mais precoce o diagnóstico, mais precoce o tratamento, assim, "melhorando" os sinais e condições de aceitação da condição, permitindo que os indivíduos tenham melhor desenvolvimento e qualidade de vida.

Segundo Fadda e Cury (2016), atualmente, o diagnóstico ainda é 100% comportamental, pois não há exame ou qualquer outro método disponível para detectar e diagnosticar o transtorno, portanto, duas características principais do desenvolvimento da doença devem ser analisada, na primeira fase ele não se desenvolve de acordo com as fases naturais da vida da criança, ou seja, ela não fala, não interage, não se comunica, ela permanece sempre introspectiva, na segunda característica do autismo, o desenvolvimento da criança é normal, ou seja, conversando, brincando, interagindo, comunicando-se, porém, por volta do terceiro ano de vida esse desenvolvimento regride e ela se torna "fechada", socialmente antissocial, não quer brincar, não quer se comunicar.

O DSM-V classifica o TEA em três graus distintos, grau I, que contém todas as características definidoras do autismo leve, grau II, que é o autismo moderado, ou grau III, que é característico do autismo grave. Segundo a APA (2014), no passado, o TEA era classificado como Síndrome de Asperger, autismo leve, moderado ou grave, e esses termos não existem mais. Segundo Schmidt (2013), o autismo de nível I está associado a crianças que mesmo apresentando os sinais e as dificuldades inerentes ao transtorno, precisam de pouco tratamento e conseguem ter um bom desenvolvimento, as pessoas de nível II já apresentam maiores comprometimentos, faltando assim uma terapia mais intensa, tanto na escola, quanto na vida pessoal e mesmo com isso, ainda tem dificuldade em desenvolver, já o terceiro nível apresentou maior gravidade, pois mesmo com todo o tratamento, esses indivíduos são pouco funcionais, ou seja, o tratamento não teve efeito de torná-las "independentes".

Como mencionado anteriormente, a comunicação é o sintoma mais evidente em pessoas com TEA, segundo Gomes et al. (2015), que afetam diretamente a interação social. O mesmo relata que as dificuldades mais vivenciadas foram a falta de comunicação e interação, que estão presentes em quase 100% dos casos de autismo, seguida de dificuldade de concentração devido à hiperatividade presente nesses indivíduos, além da aversão ao ruído, falta de contato visual, e mesmo a presença de autolesão em alguns casos, nessas áreas, o tratamento do TEA visa melhorar esses sinais e sintomas e permitir que a pessoa seja independente em suas atividades diárias.

Pesquisas mostram que no Brasil, entre 68 a 195 mil pessoas são diagnosticadas com autismo, das quais 60% têm sua inteligência abaixo de 50 pontos, enquanto 20% estão entre 50 e 70 pontos e somente 20% apresentam

resultados para o QI acima de 70 pontos. Resumindo, é muito importante diagnosticar o autismo, observar o desenvolvimento da criança e tratar os sinais o quanto antes, dessa forma, a família tem um papel muito importante nessa detecção, diagnóstico e tratamento, pois quanto mais cedo iniciar o tratamento, mais positivo será o resultado, dependendo do nível de autismo do indivíduo (PEREIRA et al., 2015).

### 2.3 O ATENDIMENTO DA CRIANÇA COM TEA

Em 2012, o Ministério da Saúde instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA) por meio da Lei nº 12.764, que dispõe sobre a implantação de Centros Especializados de Reabilitação (CER), incluindo avaliação psicossocial e avaliação para atendimento em serviços de redes públicas (BRASIL, 2012).

O tratamento em serviços de redes públicas é definido pelo grau de intensidade do transtorno. Aqueles que apresentam menor comprometimento são atendidos no CER, enquanto aqueles que apresentam maior intensidade são encaminhados aos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), para acompanhamento individual com equipe multidisciplinar de acordo com suas necessidades (BRASIL, 2012).

Para alcançar melhores resultados no tratamento do TEA, é necessário o apoio multidisciplinar e multiprofissional, pois a síndrome afeta múltiplos componentes do desenvolvimento humano, com o objetivo de reduzir fatores como agressividade, irritabilidade e sintomas de agitação, considerados fatores que dificultam o planejamento estimulante (ZANATTA et al., 2014).

O tratamento tem como objetivo ajudar e estimular a criança a interagir com os indivíduos do seu meio, desenvolver a comunicação e o interesse pelo mundo real e estimular o sistema sensorio-motor. Segundo Bosa (2006), o tratamento tem quatro objetivos básicos:

- 1) estimular o desenvolvimento social e comunicativo; 2) aprimorar o aprendizado e a capacidade de solucionar problemas; 3) diminuir comportamentos que interferem com o aprendizado e com o acesso às oportunidades de experiências do cotidiano; e 4) ajudar as famílias a lidarem com o autismo (BOSA, 2006).

Além dos profissionais envolvidos no tratamento, a família desempenha um papel importante nas terapias utilizadas, pois o progresso obtido reflete diretamente na qualidade de vida e harmonia familiar (ZANATTA et al., 2014).

É sabido que o TEA não tem cura, mas existem alguns tratamentos que visam melhorar e reduzir as manifestações clínicas associadas à síndrome, como o Tratamento e Educação de Crianças Autistas e com Desvantagens na Comunicação (TEACCH), a Análise Aplicada do Comportamento (ABA) e o Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (PECS) (VILANOVA et al., 2015).

O TEACCH é um método de aprendizado personalizado amplamente utilizado em todo o mundo, que avalia crianças por meio do Perfil Psicoeducacional Revisado (PEP-R).

Nessa abordagem, a programação pessoal de cada aluno é uma das ferramentas essenciais, pois dá a você uma noção do que está acontecendo, proporcionando confiança e segurança. As dificuldades de generalização indicam a necessidade de uma rotina clara e previsível. Dá aos alunos uma indicação visual de quais tarefas serão executadas e uma ferramenta de apoio para ensinar o que aconteceu antes, o que aconteceu depois, um plano de ação e seu encadeamento numa série de trabalhos (GOMES e SILVA, 2007).

Segundo Mello (2016), as críticas ao programa referem-se à sua incapacidade de trabalhar com crianças com altos níveis de funcionamento, e que o programa as robotiza. No entanto, a autora observou que os resultados alcançados com o tratamento mostraram que, ao focar no trabalho da situação específica de cada criança, os resultados superaram as expectativas.

Sampaio (2008) destaca que o TEACCH é normalmente utilizado em escolas que atendem crianças com necessidades especiais, com programas individualizados baseados nos objetivos que cada criança precisa alcançar, enquanto clínicas e consultórios muitas vezes não são empregados. Como mencionado anteriormente, não há consenso sobre a eficácia dessa abordagem, dependendo de cada caso e do profissional que a desenvolveu.

Outro método utilizado é a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), que se refere a uma forma de terapia comportamental indutiva que ensina habilidades que crianças com autismo não possuem em um plano individualizado. Moreira e Medeiros (2007) afirmam que esta intervenção se baseia nos comportamentos funcionais das crianças para eliminar aqueles comportamentos considerados socialmente indesejáveis.

Referindo-se a esse método, Mello (2016) aponta que, embora seja amplamente utilizado, pode robotizar as crianças, “já que a ideia é interferir precocemente o máximo possível, para promover o desenvolvimento da criança, de

forma que ela pode ser maximamente independente o mais cedo possível”. Embora amplamente utilizada, também não há consenso sobre essa abordagem.

O método PECS (Picture Exchange Communication System) visa desenvolver a comunicação de outra forma, possibilitando que crianças com autismo se comuniquem sem o uso da linguagem. O treinamento acontece em seis etapas:

- 1) Fazer pedidos através da troca de figuras pelos itens desejados; 2) Ir até a tábua de comunicação, apanhar uma figura, ir a um adulto e entregá-la em sua mão; 3) Discriminar entre as figuras; 4) Solicitar itens utilizando várias palavras em frases simples, fixadas na tábua de comunicação; 5) Responder à pergunta O que você quer; 6) Emitir comentários espontâneos (MIZAEL e AIELLO, 2013).

Esta é uma técnica de baixo custo que os pais também podem utilizar em casa, inicialmente pela troca de figuras e depois pela vocalização e, em alguns casos, para a fala funcional (MIZAEL e AIELLO, 2013).

Portanto, observa-se que um método não pode ser considerado mais eficaz que o outro, o enfermeiro deve conhecer todos eles e observar em sua relação com crianças com autismo se o método escolhido pelo médico apresenta resultados satisfatórios, indicando se deve se adaptar ou até mesmo mudar.

#### 2.4 A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM À CRIANÇA COM TEA

A atuação do enfermeiro envolve os aspectos físicos e psicológicos da pessoa, devendo estar sensível às necessidades do paciente por meio da assistência humanizada e do cuidado integral sem abrir mão do conhecimento técnico (CRUZ e XAVIER, 2013).

Para as crianças com autismo, o enfermeiro visa prestar cuidados, não apenas para dar atenção ao problema, mas também às suas representações junto à família, buscando orientação e esclarecimento de problemas para diminuir o medo e o complexo de inferioridade. Enfrentar os problemas que surgem dos preconceitos existentes na sociedade (COSTA e VOLPATTO, 2010).

Como agente terapêutico, o enfermeiro deve procurar relacionar-se e compreender o comportamento do paciente. O objetivo não é fazer um diagnóstico ou prescrever medicamentos, mas buscar melhorar a qualidade de vida da criança, devendo estar atento e preparado para prestar uma assistência que respeite e acolha as diferenças, e trate as pessoas com TEA como um ser humano e não como uma pessoa com um problema (ANDRADE e PEDRÃO, 2005).

A assistência de Enfermagem para crianças com TEA são:

Desestimular a auto-agressão, desviando sua atenção para outras coisas ou objetos. Demonstrar carinho através do toque mesmo não havendo o retorno do mesmo. Observar, estimular e estar atento ao que o indivíduo disser. Ensinar e estimular o auto cuidado como higiene pessoal. Desestimular movimentos repetitivos. Colocar limites, explicando sempre o porquê dos mesmos. Estimular a socialização através de atividades em grupo (SANTOS JÚNIOR, 2007).

Uma equipe multidisciplinar composta por enfermeiros, médicos, fonoaudiólogos, psicólogos, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais, educadores, dentre outros, deve realizar intervenções afetivas para minimizar os comprometimentos individuais e complexos do TEA (CARNIEL et al., 2010).

Cabe ao enfermeiro definir diagnósticos a fim de desenvolver junto à equipe multiprofissional um plano de cuidados para uma criança com TEA, dentre os quais podem ser citados:

Risco de automutilação relacionada a alterações neurológicas, interação social prejudicada relacionada às barreiras de comunicação, comunicação verbal prejudicada relacionada à capacidade prejudicada de produzir a fala secundária a alteração neurológica, distúrbio da identidade pessoal relacionado a alterações neurológicas, risco para desenvolvimento retardado relacionado a alterações neurológicas e outros (COSTA e VOLPATO, 2010).

A assistência padrão, onde o enfermeiro faz conexões através da linguagem, é ineficaz para crianças com TEA e é necessária mais interação para fazer conexões antes que a ajuda necessária possa ser fornecida.

Cada criança é uma, mesmo que elas compartilhem do mesmo diagnóstico. Mas, infelizmente, com a padronização dos diagnósticos de enfermagem baseados em manuais de enfermagem psiquiátrica, essa singularidade pode não ser considerada no momento de estabelecer a relação terapêutica com o paciente (MONTAGNER et al., 2007).

Em uma equipe multidisciplinar, não deve haver hierarquia de conhecimento, mas todos devem estar igualmente envolvidos no planejamento do tratamento da criança dentro de sua área de conhecimento para melhorar a qualidade do cuidado. O enfermeiro tem a responsabilidade de ajudar a criança e a família a enfrentarem e se adaptarem às pressões causadas pela TEA. Portanto, o profissional deve observar e interpretar a criança e os familiares, buscando, a partir de então, planejar a assistência a ser oferecida, e avaliar continuamente o desenvolvimento do processo durante o tratamento (CRUZ e XAVIER, 2013).

O processo de enfermagem inclui ações que devem ajudar a criança a

reconhecer suas capacidades, habilidades e potencialidades, aceitar, enfrentar e viver dentro de suas limitações. Desta forma, irá contribuir para a sua reabilitação, que é o objetivo das intervenções terapêuticas (CRUZ e XAVIER, 2013).

O enfermeiro que atua em saúde mental deve se engajar em atividades por meio da relação terapêutica, desenvolvendo “habilidades para se relacionar com os pacientes de modo a compreender o significado de seus comportamentos e, assim, poder ajudá-los” (FEITOSA e CASTRO, 2005).

No entanto, a maioria dos profissionais ainda se concentra apenas em atividades técnicas, pois não são capacitados durante sua formação para desenvolver habilidades relacionais e solidárias nos serviços de saúde mental. Esse conhecimento é considerado essencial para subsidiar os comportamentos e atitudes dos enfermeiros que trabalham com crianças com TEA (DOMINGUES e CHAVES, 2005).

A falta de preparo e capacitação profissional do enfermeiro para atuar com pacientes na área da saúde mental, e aqui mais especificamente para crianças com TEA, dificulta a prestação de cuidados por meio do processo interpessoal que facilita a assistência biopsicossocial.

Portanto, muito progresso é necessário para fornecer atendimento qualificado para crianças com autismo. Mesmo com o aumento de casos, esse tema ainda é pouco discutido, e poucos estudos na literatura abordam regimes assistenciais eficazes de qualidade.

### **3. METODOLOGIA**

O presente estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica do tipo exploratória, com abordagem qualitativa. Gil (2002) ressalte que as características da pesquisa bibliográfica são desenvolvidas a partir da literatura existente, principalmente livros e artigos científicos; e que ela permite ao investigador a obtenção de um conhecimento mais abrangente do objeto de estudo, do que a pesquisa direta.

Quanto à pesquisa exploratória, visa proporcionar mais informações sobre o fenômeno ou objeto de estudo, por constituir a parte inicial da pesquisa, permite que o pesquisador defina o tema, estabeleça metas, estabeleça hipóteses ou desenvolva novos entendimentos sobre o tema em estudo. Com um planejamento muito flexível, também permite a exploração de temas de pesquisa de todos os ângulos e aspectos (PRODANOV & FREITAS, 2013).

Para Marconi e Lakatos (2008), os métodos qualitativos não se limitam à representação numérica, nem ao uso de métodos e técnicas estatísticas na análise dos dados, mas à compreensão e descrição aprofundada dos eventos estudados.

Para a estruturação deste estudo, serão levantados referenciais teóricos utilizando descritores, a fim de especificar o interesse por estudos de grande relevância para esta pesquisa, são eles: “Transtorno do Espectro Autista”, “assistência de enfermagem”, “autismo infantil”, em idioma português por meio de buscas eletrônicas nas bases de dados SCIELO e GOOGLE ACADÊMICO. Também serão realizadas consultas em livros, publicações do Conselho Regional de Enfermagem (COREN).

#### **3.1 COLETA DE DADOS**

O levantamento de conteúdo foi realizado entre os meses de março a junho de 2022, por meio da busca de artigos indexados nas seguintes bases de dados: Scielo (Scientific Electronic Library Online), BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), Google Scholar. Foram utilizados os seguintes descritores em base DeCS (Descritores em Ciências da Saúde): Transtorno do Espectro Autista; assistência de enfermagem; autismo infantil.

#### **3.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO**

Os critérios de inclusão para a seleção dos conteúdos são bibliografias

publicadas entre os anos de 2010 e 2021 e no idioma português; publicados na íntegra de acordo com a temática referente à revisão integrativa, documentos, regulamentações, normativas de entidades de saúde acerca do tema, artigos, monografias e dissertações.

Os critérios de exclusão são estudos que poderão não atender a esses critérios de inclusão.

### 3.3 ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados foram realizadas por meio da categorização, entre os meses de agosto a outubro de 2022.

Blair (2006) por sua vez, apresenta uma visão sobre a categorização, definindo-a como um esquema simplificado que fornece um quadro de referência básico em que coisas fundamentalmente diferentes são vistas como semelhantes, argumentando que "[...] o conceito de realidade é intrinsecamente associado a novas categorias de linguagem".

#### 4. RESULTADO

Os 16 artigos analisados para esse estudo, conforme apresentado na tabela 1 sugere uma pesquisa variada de temas voltados para a pesquisa em questão. Essa mesma tabela traz informações a respeito da análise desses artigos: título da pesquisa, autores e principais resultados.

**Tabela 1.** Caracterização das pesquisas segundo o título de pesquisa, seus autores e seus principais resultados.

Nº	TÍTULO DE PESQUISA	AUTORES	PRINCIPAIS RESULTADOS
01	O conhecimento da equipe de enfermagem a cerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano.	SOELTL, S.B.; FERNANDES, I. C.; CAMILLO, S. O.	Os profissionais enfermeiros, por não possuírem conhecimento seguro acerca da evolução e tratamentos do TEA, não se sentem preparados para a assistência a esses indivíduos e à família dos mesmos.
02	A atuação do enfermeiro frente à criança autista.	CARNIEL, E. L.; SALDANHA, L. B.; FENSTERSEIFER, L. M	A atuação dos enfermeiros frente à criança autista e sua família é fundamental, uma vez que eles têm um importante papel socializador, de aceitação e compreensão da criança, bem como no estabelecimento de limites e orientação e apoio à família.
03	Proposta de um plano de cuidados para crianças autistas.	CARNIEL, E. L.; SALDANHA, L. B.; FENSTERSEIFER, L. M.	Os enfermeiros veem seu papel diante da criança autista e da família; a forma de obtenção do conhecimento necessário para se trabalhar com esse tipo de criança e o entendimento que eles têm sobre o autismo.
04	A equipe de enfermagem e as crianças autistas.	DARTORA, D. D.; FRANCHINI, B.; MENDIETA, M. C.	Há em cada profissional uma visão limitada sobre crianças autistas, por vezes preconceituosa. O conhecimento empírico sobrepôs-se ao científico e com isso a assistência às crianças com autismo mostrou-se fragilizada.
05	Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil.	SENA, R. C. F. et al.	Evidenciou-se insegurança e fragilidade no conhecimento dos enfermeiros sobre transtorno autístico em virtude de não terem conseguido definir autismo nem demonstrado vivência com pessoas autistas e relaram a inexistência de capacitações voltadas para o tema exposto.

06	Identificação do espectro do transtorno autista durante o crescimento e o desenvolvimento infantil: o papel do profissional de enfermagem.	BORTONE, A. R. T. et al.	O profissional de enfermagem é relevante na abordagem do rastreamento dos sinais do ETA durante as consultas de enfermagem. Mas, para isso é necessário estimular o interesse e fomentar discussões específicas sobre o assunto no meio científico para possibilitar a inserção da criança de forma precoce estabelecendo -se assim, uma intervenção especializada com a equipe multidisciplinar o mais precocemente.
07	A Importância da Avaliação de Programas de Capacitação para Identificação dos Sinais Precoces do Transtorno do Espectro Autista – TEA	STEYER, S.; LAMOGLIA, A.; BOSA, C. A.	Os estudos de avaliação de identificação precoce do TEA têm demonstrado que as capacitações dos profissionais de saúde são necessárias para que os mesmos possam realizar a detecção e início do tratamento o quanto antes através da reorganização dos serviços em saúde, principalmente na atenção primária, visando a prevenção e promoção em saúde.
08	Identificação do papel do enfermeiro na assistência de enfermagem ao autismo.	MELO, C.A. et al.	Identificou-se que o profissional de enfermagem deve ter conhecimento para avaliar os sinais e sintomas do autismo, e assim realizar uma intervenção satisfatória.
09	Transtorno do Espectro Autista: detecção precoce pelo enfermeiro na estratégia saúde da família	NASCIMENTO, Y. C. M. L. et al.	Enfermeiros da Estratégia Saúde da Família apresentaram deficiências na detecção precoce do Transtorno do Espectro Autista em crianças.
10	Cuidado Centrado na Família no contexto da criança com deficiência e sua família: uma análise reflexiva	BARBOSA, M. A. M. et al.	O relacionamento da equipe de saúde e a família é estremecida pois o foco da equipe é só a patologia da criança e não incluem a família no tratamento sendo elas as prestadoras do cuidado.
11	Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática	GOMES, P. T. M. et al.	O TEA exerce forte influência na dinâmica familiar com sobrecarga dos cuidadores, geralmente da mãe. O Sistema Único de Saúde necessita prover cuidado integral, longitudinal e coordenado com vistas ao fortalecimento do binômio paciente-família e o pleno desenvolvimento e a plena inserção dessas crianças na sociedade.

12	As vivências de mães de jovens autistas	SEGEREN, L; FRANÇOZO, M. F. C.	O diagnóstico do autismo foi dado de forma abrangente, enfatizando as dificuldades no desenvolvimento da criança. As mães mudaram sua rotina para assumir o cuidado integral do filho. As dificuldades de socialização da criança levaram algumas delas a evitar ambientes sociais para não ter que lidar com preconceito em relação ao filho.
13	Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com Transtorno do Espectro do Autismo em um centro de atenção psicossocial.	FRANZOI, M. A. H. et al.	É importante os profissionais de enfermagem pesquisaram, mas a respeito da intervenção musical e inserir no tratamento, pois o resultado da pesquisa constatou que a intervenção musical é benéfica.
14	A história natural do Autismo infantil em um hospital público pediátrico terciário: evoluções com atrasos globais do desenvolvimento, com regressão parcial e plena.	JR, W. C; NOCE, T. R.	Todas as crianças que apresentam histórico de atrasos nos marcos do desenvolvimento psíquico devem ser considerado o Autismo como uma hipótese diagnóstica.
15	Conhecimento de estudantes de enfermagem sobre os Transtornos Autísticos	FERREIRA, A. C. S. S. et al.	O estudo finalizou que os estudantes de enfermagem têm conhecimentos razoáveis a respeito do Autismo, entretanto possui dúvidas a respeito dos sintomas e tratamentos sendo imprescindível inserir na grade curricular da graduação.
16	Literatura científica brasileira sobre Transtornos do Espectro Autista	TEIXEIRA, M. C. T. V. et al.	É necessário novos estudos com amostras maiores que ocasiona maior impacto e visibilidade da produção científica brasileira relativa aos TEA.

**Fonte:** Autor, 2022

Na segunda tabela traz à tona os detalhes da pesquisa mostrando o ano da pesquisa e seu respectivo periódico onde foi publicado, apresenta também o método utilizado e o objetivo do trabalho. Em relação ao ano de publicação, um foi publicado no ano de 2011, um no ano de 2012, um no ano de 2019, um no ano de 2021, dois no ano de 2010, dois no ano de 2015, dois no ano de 2018, três do ano de 2014 e três no ano de 2016.

**TABELA 2.** Detalhamento das pesquisas, segundo ano/periódico da publicação, metodologia e objetivo.

<b>Nº</b>	<b>PERIÓDICO/ANO</b>	<b>METODO</b>	<b>OBJETIVO</b>
<b>01</b>	ABCS Health Sci, 2021	Estudo descritivo, de abordagem qualitativa.	Analisar, com base nos princípios abordados na Teoria do Cuidado Humano, o conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos TEA e a abordagem do tema durante a formação profissional.
<b>02</b>	Revista Pediatria (São Paulo), 2010	Estudo qualitativo.	Analisar da atuação do enfermeiro frente ao autismo, uma síndrome ainda pouco explorada dentro do campo da enfermagem.
<b>03</b>	Revista Pediatria (São Paulo), 2011	Estudo qualitativo.	Formular de um plano de cuidados para a criança autista.
<b>04</b>	Journal of Nursing and Health, 2014	Estudo qualitativo, descritivo e exploratório.	Conhecer a percepção da Equipe de Enfermagem frente ao atendimento às crianças autistas, na pediatria de um Hospital Universitário no Sul do Rio Grande do Sul.
<b>05</b>	Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J., Online), 2015	Estudo exploratório, com abordagem qualitativa.	Analisar a prática e o conhecimento dos enfermeiros da Estratégia Saúde da Família acerca do transtorno autístico.

06	SynThesis Revista Digital FAPAM, 2016	Revisão integrativa de literatura.	Analisar a capacidade técnica do enfermeiro da Atenção Básica de Saúde defronte ao entendimento, reconhecimento e atuação aos sinais do Espectro Transtorno Autista (ETA) em consultas de enfermagem durante o acompanhamento do C/D infantil abordando o tema: Identificação do Autismo durante a avaliação do crescimento e o desenvolvimento infantil- papel do profissional de enfermagem.
07	Trends in Psychology / Temas em Psicologia, 2018	Revisão Bibliográfica.	Construir uma linha de argumentação sobre a importância de se elaborar programas de capacitação em identificação precoce do TEA em saúde pública.
08	Mostra Interdisciplinar do curso de Enfermagem, 2016	Revisão integrativa de literatura.	Identificar o papel do enfermeiro na assistência ao paciente com suspeita ou diagnóstico de autismo, caracterizar seus principais sinais e sintomas, e identificar os principais medicamentos e terapêuticas utilizadas no seu tratamento.
09	Rev Baiana de Enfermagem, 2018	Pesquisa descritiva, exploratória e qualitativa.	Identificar a atuação do enfermeiro da Estratégia Saúde da Família na detecção precoce do Transtorno do Espectro Autista em crianças.

10	Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2012	Foi utilizado a base na literatura nacional e internacional publicada sobre o tema nos últimos 20 anos. Foi efetuada uma busca sistemática em duas importantes bases de dados (PUBMED e BIREME).	Refletir sobre a prática da equipe de saúde no cuidado à família da criança deficiente, à luz dos pressupostos do Cuidado Centrado na Família (CCF).
11	Jornal de Pediatria do Rio de Janeiro, 2015	Trata-se de uma revisão sistemática da literatura científica	Descrever os desafios encontrados pelas famílias na convivência com crianças portadoras de transtorno do espectro autista (TEA) no Brasil e as estratégias de superação empregadas.
12	Psicologia em Estudo, Maringá, 2014	Pesquisa qualitativa.	Investigar as vivências de mães de jovens autistas, buscando identificar as reações iniciais ao diagnóstico de Autismo do filho e as orientações recebidas, conhecer as rotinas diárias do jovem e sua família e identificar as dificuldades encontradas na fase da adolescência do filho autista bem como as expectativas e sentimentos das mães em relação ao seu futuro.
13	Texto Contexto Enferm, 2016	Trata-se de um relato de experiência de um projeto de intervenção na prática profissional desenvolvido durante o Curso de Especialização em Linhas de Cuidado em Enfermagem – Área: Atenção Psicossocial.	Contribuir com a qualificação dos profissionais de enfermagem que atuam no Sistema Único de Saúde (SUS), sendo promovido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com financiamento do Ministério da Saúde e com a parceria da Escola de

			Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP/USP).
14	Rev médica de Minas Gerais, 2014	Trata-se de um estudo longitudinal	Avaliar qual é a real proporção de ocorrência dessas três formas, separadamente, de instalação do Autismo infantil.
15	Rev. enferm. UFPE on line, 2019	Trata-se de estudo quantitativo, descritivo	Analisar o conhecimento dos estudantes do curso de Enfermagem de uma universidade pública sobre os Transtornos do Espectro do Autismo.
16	Rev Assoc Med Bras, 2010	Trata-se de uma revisão sistemática.	Conduzir uma análise da produção científica de autores brasileiros sobre Transtornos do Espectro Autista (TEA), no período de 2002 a 2009.

**Fonte:** Autor, 2022

## **5. DISCUSSÃO**

### **5.1 A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA FRENTE A CONSULTA DE ENFERMAGEM**

O TEA é um transtorno que afeta o desenvolvimento do indivíduo em termos de comunicação, interação social e/ou padrões comportamentais repetitivos e requer extensa observação para realmente dar um diagnóstico na logística de identificação e diagnóstico de TEA, o enfermeiro desempenha um papel muito importante, pois está na linha de frente do cuidado em saúde e o primeiro na porta de entrada para a saúde denominada de atenção básica, porém, quando se trata de cuidar de crianças com autismo, a enfermagem ainda se sente insegura nesse tipo de atendimento, que ainda é muito limitado a uma equipe multiprofissional de profissionais de saúde mental devido ao pouco treinamento direto sobre a condição, é necessário que o enfermeiro da atenção básica tenha esse conhecimento para orientar sua equipe no cuidado adequado (SENA et al., 2015).

Para a identificação precoce do TEA e, portanto, tratamento eficaz do mesmo, é necessário cada vez mais treinamento dos profissionais de saúde, pois, conforme os autores acima, a identificação é, na verdade, baseada nos sinais observados do TEA. Nesse contexto, a atenção primária à saúde e os enfermeiros têm um papel de destaque, pois estão inseridos diretamente na comunidade e acompanham essas pessoas no contexto da prevenção e promoção da saúde, por ser um tema relativamente novo em termos de conhecimento, incluindo informações sobre proteção Política Nacional de Proteção dos Direitos das Pessoas com Transtorno do Espectro Autista (Lei 12.764, de 27 de dezembro de 2012), é imprescindível a capacitação contínua da equipe de saúde da família (equipe multiprofissional) (STEYER et al., 2018).

O conhecimento sobre o transtorno e seus sinais e sintomas é essencial para que se tenha uma percepção durante a consulta de enfermagem para que estratégias e intervenções possam ser desenvolvidas quando necessário. Para prestar atendimento de qualidade aos indivíduos com autismo e seus familiares, esses profissionais devem receber treinamento adequado (NASCIMENTO et al., 2018). Os enfermeiros, em particular, precisam ser capazes de responder a todas as perguntas da família de forma completa e de forma que compreendam o tratamento e o desenvolvimento da criança, pois a família está atenta ao crescimento e conquistas do filho, sendo responsáveis pela inserção deles no meio social (BARBOSA; BALIEIRO; PETTENGILL, 2012).

Uma rede estável, juntamente com programas e políticas de saúde sólidas, facilita a assistência integral, longitudinal e coordenada preconizada pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Dessa forma, é preciso investir na qualificação dos profissionais de saúde, com foco especial no atendimento biopsicossocial-espiritual aos acometidos pelo transtorno, disciplinas que envolvam os campos de pesquisa e assistência para auxiliar na orientação e capacitação maternas (GOMES, et al, 2015).

Estudiosos afirmam que há necessidade de capacitar profissionais de saúde para informar diagnóstico, instruir e capacitar os familiares de forma humanizada para que possam auxiliar no tratamento e melhorar a qualidade de vida das crianças diagnosticadas e de seus familiares (SEGEREN; FRANÇOZO, 2014). Um grande desafio para as unidades de saúde é a especificidade de cada grupo familiar quando se trata de receber o diagnóstico do transtorno. É primordial que os profissionais tenham conhecimento a respeito do diagnóstico para que possam sanar dúvidas e esclarecer sinais e sintomas. (FRANZOI, et al, 2015).

É necessário compreender as perspectivas dos profissionais de enfermagem sobre o tema, a fim de identificar lacunas ou potencialidades nestes profissionais com vistas a prestar cada vez mais uma assistência de qualidade aos indivíduos com autismo e seus familiares (DARTORA; MENDIETA; FRANCHINI, 2014).

Notavelmente, houve diminuição da interação com as mães e familiares, sendo o primeiro sintoma a diminuição do contato visual. Na comunicação não-verbal, há uma ausência ou redução na comunicação protoimperativa, ou seja, não apontar para o que se quer, enquanto na comunicação protodeclarativa, o mesmo que apontar para mostrar algo, o uso dos sinais sociais como o movimento de aceno também é prejudicado. Atrasos na fala, formação de frases, uso do pronome “eu” na comunicação oral, sempre se colocando na terceira pessoa, fala comunicativa reduzida ou ausente, ausência de fala e ecolalia (palavras repetidas, frases ouvidas, conversa por vídeo (JR; NOCE, 2014).

Todos os profissionais de saúde podem identificar sinais suspeitos desse transtorno com base nos marcos do desenvolvimento psíquico. É importante que os profissionais de saúde compreendam a história natural do autismo para que a suspeita e o diagnóstico possam ser feitos mais precocemente. Estudos mostraram que 74,4% das pessoas sempre apresentam atrasos de desenvolvimento, 17,4% apresentam regressão parcial em base deficitária de desenvolvimento e apenas 8,1% apresentam histórico de regressão plena (JR; NOCE, 2014).

Infelizmente, muitas vezes os profissionais se sentem inseguros e despreparados ao avaliar sinais e sintomas, o que pode retardar o diagnóstico e interferir no reconhecimento precoce. Isso faz com que famílias e crianças passem por vários profissionais e instituições antes que o TEA seja detectado, atrasando quaisquer intervenções que ajudariam a melhorar o crescimento e o desenvolvimento das crianças (NASCIMENTO, et al, 2018).

Os enfermeiros enfrentam enormes dificuldades na detecção precoce dos sinais e sintomas do TEA, sendo a maior delas o conhecimento limitado do assunto. A falta de formação acadêmica e o pouco investimento na educação ao longo da vida são fatores que contribuem. Além disso, esses profissionais enfrentam as necessidades das crianças e suas famílias. Assim, para não negligenciar ou responsabilizar outras categorias profissionais, o preparo do enfermeiro torna-se fundamental (NASCIMENTO, et al, 2018).

Os profissionais têm medos, inseguranças e dificuldade em distinguir entre sinais e sintomas do autismo nas consultas de enfermagem, e o pouco conhecimento é adquirido por meio de especialização ou estágios extracurriculares, devido a falta de informação na graduação, o que evidencia que, nos ambientes acadêmicos de graduação em enfermagem, pouco se estuda sobre o assunto (FERREIRA; FRANZOI, 2019). Existem barreiras de comunicação entre profissionais e familiares devido a precariedade de conhecimento, instabilidade de informações e falta de interesse da equipe, retardando o diagnóstico e tratamento do autista (BARBOSA; BALIEIRO; PETTENGILL, 2012).

Até o final do século passado, a grande maioria das pessoas com autismo não havia utilizado os serviços públicos de saúde mental no Brasil. Quando o atendimento acontecia, era oferecido através da educação, assistência social, instituições de caráter filantrópico ou por serviços ofertados por associações de familiares (BRASIL, 2015).

No sistema público de saúde, algumas crianças e adolescentes com autismo são atendidos em "serviços isolados", que são ineficientes em comparação com outras unidades de sua área, enquanto outros são atendidos em ambulatórios tradicionais, principalmente tratamento medicamentoso (BRASIL, 2015).

No Brasil, ainda não foi implantado um sistema de avaliação do tratamento de pessoas com autismo nas redes públicas de saúde mental, com o objetivo de construir indicadores de assistência a esses usuários e seus familiares. No contexto da reforma psiquiátrica brasileira, ainda há alguns trabalhos recentes sobre a prática

de avaliação de serviços comunitários de saúde mental. Mais pesquisas na área de metodologia são essenciais para implantação de sistemas em redes públicas (TEIXEIRA et al, 2010; LIMA et al, 2014).

É importante abordar sobre o Transtorno do Espectro Autista na graduação, considerando sua prevalência e complexidade, para que estudantes de enfermagem, e futuros profissionais, tenham maior sensação de segurança e conhecimento para realizar um cuidado ético e baseado em evidências voltado a pessoas com transtornos autísticos nos diversos âmbitos de atenção à saúde (FERREIRA; FRANZOI, 2019).

Estudantes de enfermagem demonstram conhecimento razoável, mas, também, fragilidades importantes, principalmente relacionadas aos sintomas e tratamento associados ao Transtorno do Espectro Autista. Vale destacar também que a mídia e os meios de comunicação são as principais fontes de informação para que os alunos adquiram conhecimentos sobre TEA, o que destaca o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação como importante aliada e ferramenta de ensino (FERREIRA; FRANZOI, 2019).

A década de 2010 foi marcada por grandes avanços na compreensão dos enfermeiros sobre o TEA. Ainda na superfície, é abordado nos cursos de graduação, onde os enfermeiros reconhecem a importância de aprimorar e buscar conhecimentos para desempenhar seu papel de mediador da socialização da criança com os pais, outros profissionais e os cenários de saúde em que participam traçam planos de cuidados específicos com base no Processo de Enfermagem (CARNIEL; SALDANHA; FENSTERSEIFER, 2010, 2011).

O cuidado com o TEA por parte da enfermagem é essencial para um tratamento adequado, o enfermeiro deve manter sempre uma visão holística e integral sobre o paciente, mesmo nas consultas de enfermagem, o enfermeiro precisa estar atento a todos os sinais verbais e não verbais esboçados pelos indivíduos com TEA, o profissional precisa estar atento aos aspectos envolvidos nesse transtorno e estar cada vez mais aberto para discutir o tema, pois estão envolvidos diretamente em todo o processo de cuidar, ressaltando a importância das intervenções, levando esses indivíduos a terem mais independência, afinal, é o objetivo principal de qualquer tratamento incluindo o TEA, que a pessoa seja capaz de manter o autocuidado (BORTONE; WINGESTER, 2016).

Os profissionais enfermeiros desempenham um papel importante no atendimento e diagnóstico de pacientes com suspeita de TEA. A ênfase é colocada

na formação dos profissionais de saúde para identificar precocemente os sinais e sintomas associados ao TEA, de modo a prestar cuidados de qualidade, dar o apoio e a tranquilidade que as famílias dos portadores merecem e garantir o bem-estar dos pacientes e esclarecendo qualquer possível dúvida de ambos e incentivando o tratamento e acompanhamento ao indivíduo, visando uma evolução eficiente de seu prognóstico (MELO, et al, 2016).

O processo do cuidar é um dos alicerces dos profissionais de enfermagem, por isso o cuidado às pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é fundamental. Para prestar uma assistência de qualidade, o enfermeiro necessita do conhecimento teórico e prático para realizar avaliações precisas da criança e de sua família, adaptando cada situação vivenciada às suas circunstâncias individuais. Falta de informação e contato no dia a dia com crianças com autismo dificulta a intervenção e exige ajuda da família no momento do atendimento (FRANZOI, 2019; SOELTL; FERNANDES; CAMILLO, 2021).

De acordo com os relatos obtidos no estudo, os profissionais de enfermagem compreendem sua importância no cuidado à criança com autismo, porém, relatam um medo do desconhecido, o que pode interferir na qualidade desse cuidado (DARTORA; MENDIETA; FRANCHINI, 2014).

## 5.2 CONDUTAS DE ENFERMAGEM COM CRIANÇAS AUTISTAS E SEUS FAMILIARES

O enfermeiro desempenha um papel importante na assistência e diagnóstico de pacientes com suspeita de autismo. Esse profissional teoricamente formado e com uma perspectiva humana plena é capaz de perceber sinais que auxiliam na identificação do Transtorno do Espectro Autista. O enfermeiro também tem o papel de acompanhar e assistir as famílias dos autistas, prestando a ajuda necessária, incentivando-os, tranquilizando-os, focando no bem-estar do paciente, esclarecendo dúvidas, incentivando o tratamento e o acompanhamento confiável do paciente, buscando evoluir seu prognóstico com isso (MELO, et al, 2016; DE SENA, et al, 2015).

Como parte de uma equipe multidisciplinar que supervisiona crianças e famílias, o enfermeiro deve ser capaz de avaliar o desenvolvimento da criança para que qualquer anormalidade possa ser detectada precocemente e ações decisivas possam ser tomadas para melhorar a qualidade de vida (NASCIMENTO, et al, 2018).

O profissional contribui ativamente para o diagnóstico e acompanhamento do TEA, focando nos padrões comportamentais das crianças, analisando o crescimento e o desenvolvimento durante o aconselhamento (DE SENA, et al, 2015).

Os enfermeiros são responsáveis por prestar atendimento humanizado às pessoas com autismo, fazer encaminhamentos e abordar suas dificuldades, com o objetivo de minimizar os problemas e promover uma melhor qualidade de vida para as pessoas com autismo e suas famílias. Os profissionais desempenham um papel vital na identificação e avaliação do desenvolvimento de indivíduos com autismo (CARNIEL; SALDANHA; FENSTERSEIFER, 2010).

O vínculo formado entre o enfermeiro, a pessoa autista e seus familiares é fundamental, uma vez que a enfermagem envolve na sua assistência um olhar cuidadoso, anulando qualquer tipo de preconceito ou estigmas, se atentando as necessidades do outro e ao seu sofrimento, levando em conta a dificuldade de expressão verbal por parte do paciente autista, é de competência do enfermeiro realizar uma escuta e prestação de assistência diferenciada. É necessário estar atento as entrelinhas, olhar além do que é exposto, pois para cuidar é necessário preocupar-se, atentar-se ao outro, sendo essa, a essência da vida humana. Conviver com uma pessoa autista pode ser uma sensação incrível para os profissionais dispostos a trabalhar com ela, pois nas formas livres de expressão existe uma linguagem pré-linguística que cria fios em caminhos complexos que criam vínculos (DE SENA, et al, 2015).

É um comportamento fundamental acolher e orientar os membros da família a deixar de lado seus pensamentos errados e não se culpabilizarem desnecessariamente e sem propósitos. Cuidar da família é tão importante quanto cuidar do próprio paciente (DARTORA; MENDIETA; FRANCHINI, 2014).

O papel do enfermeiro é prestar assistência adequada às pessoas com autismo e reconhecer aqueles com necessidades especiais como parte do mundo que não pode ignorar a si mesmo quando se depara com obstáculos. Fica evidente a importância e necessidade da assistência de enfermagem na prevenção, promoção e reabilitação da saúde para melhorar a qualidade de vida desses pacientes e seus familiares (DE SENA, et al, 2015).

Pesquisas mostram que é difícil para os profissionais de saúde desenvolver planos de cuidados específicos para familiares de crianças com autismo, pois somente compreendendo o cotidiano da família o enfermeiro pode prestar cuidados específicos às necessidades da criança e de sua família. O papel do enfermeiro é

acolher, ensinar os pais sobre o autismo, avaliar sua compreensão sobre o transtorno e sua resposta a essa nova realidade (CARNIEL EL, SALDANHA LB, FENSTERSEIFER LM, 2010).

Os profissionais devem agir e reconhecer a importância da família, pois ela é a unidade na qual a criança cresce e se desenvolve. Às vezes, o momento do diagnóstico confunde os pais e não tem orientações suficientes, o que pode interferir na ligação com a criança. Ao reconhecer que a família é uma constante na vida da criança, os profissionais devem responder às dúvidas da família sobre o desenvolvimento da criança, reconhecendo o direito da família de interpretar de forma completa e adequada sua compreensão sobre o diagnóstico e os cuidados com seu filho. É importante esclarecer todas as dúvidas e anseios dos familiares para que os problemas relacionados ao convívio com o autismo sejam minimizados, e o enfermeiro especificamente implementa estratégias de aceitação para promover a compreensão desse diagnóstico (BARBOSA et al., 2012).

O enfermeiro, como parte de uma equipe profissional de saúde, precisa saber reconhecer situações que ameacem a autonomia familiar e atuar de forma a garantir uma relação de sujeitos em que os critérios éticos de autonomia, beneficência e justiça sejam garantidos. Isso requer que o modelo assistencial seja avançado no sentido de que a família seja a principal participante do cuidado, para que possa se fortalecer e ser capaz de cuidar de seus próprios problemas e tomada de decisões (BARBOSA et al., 2012).

Segundo os autores, o tratamento ideal para essas crianças leva em consideração suas necessidades individuais, bem como as necessidades de seus familiares. Nesse sentido, o tratamento inclui, entre outras coisas: Intervenções psicossociais e desenvolvimento de habilidades para expandir as habilidades de comunicação social e o ingresso de crianças diagnosticadas com TEA na comunidade; prevenção de comportamentos e situações intimidantes, ou seja, avaliação de fatores de desconforto e tratamento de outros problemas de saúde (GOMES, et al, 2015).

A ajuda que os enfermeiros prestam às pessoas com autismo deve ser discutida para ajudar a diagnosticar as realidades locais, identificar as dificuldades existentes e proporcionar uma oportunidade de repensar a ajuda profissional prestada (DE SENA, et al. 2015).

É importante ressaltar que o diagnóstico precoce significa intervenção e planejamento de tratamento mais adequados, o que permitirá às crianças

diagnosticadas com TEA alcançar uma melhor qualidade de vida antes da idade adulta. Como não há cura para o TEA, alguns tratamentos podem ser mais eficazes para algumas pessoas e menos eficazes para outras, dependendo de quão bem cada indivíduo com autismo se desenvolve. Em termos de tratamento, no entanto, a psicoterapia comportamental continua sendo a mais recomendada, juntamente com um processo de condicionamento que promove o cuidado do autismo, facilitando a estruturação e organização das emoções, mas alguns psiquiatras utilizam a musicoterapia como tratamento (GOMES, et al, 2015).

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao iniciar a presente pesquisa, houve uma dificuldade em encontrar estudos diretamente relacionados ao cuidado de crianças com TEA, principalmente pela falta de trabalhos e pesquisas sobre o tema. Embora este seja um assunto que vem sendo discutido há muito tempo, os fatores desencadeantes do transtorno ainda não são totalmente compreendidos, o que tem levado a uma carência de pesquisas sobre o assunto, ressaltando a importância de mais pesquisas para que o tratamento se realize de forma adequada, mas, dentro dessas limitações, foram pesquisados artigos e trabalhos em plataformas conceituadas que analisam cientificamente o TEA, sua evolução e suas recomendações para intervenções de enfermagem e tratamento adequado.

A pesquisa conseguiu atender às expectativas relacionadas aos objetivos (gerais e específicos), que eram: refletir sobre as condutas que os profissionais de enfermagem podem tomar para atender melhor crianças portadoras do TEA, promovendo melhor acolhimento do paciente e de seus familiares, abrindo, assim, um leque de conhecimentos sobre o tema que pode proporcionar intervenções eficazes tanto para a identificação dos sinais e sintomas, como na condução do tratamento e da assistência às famílias dessas crianças, ressaltando a importância do enfermeiro nessa área, desde o momento da percepção dos sinais até o acompanhamento das crianças e famílias pós-diagnóstico.

É importante destacar que as crianças com TEA necessitam de uma observação mais atenta por parte dos profissionais de saúde, familiares e sociedade em geral para que, de fato, mudanças significativas nos sinais de que são acometidas, como melhorias na interação social e na comunicação, sejam o principal sentido do transtorno. Assim, os enfermeiros são notórios por sua utilização na busca e intervenções efetivas, tendo em vista que a enfermagem tem como objetivo avaliar, monitorar e acompanhar pacientes nas mais diversas condições de saúde, avaliando a evolução da saúde do paciente e a regressão dos agravantes das condições dos pacientes, incluindo a saúde mental, é perceptível a contribuição do enfermeiro na busca e aplicação de intervenções eficazes.

As intervenções de enfermagem são fundamentais para o acompanhamento de crianças com TEA. Pode-se dizer que uma boa intervenção por parte da enfermagem é realizar o controle por meio de técnicas terapêuticas especiais, como reuniões em grupo, para facilitar a socialização da criança e interações que a beneficiem, além de técnicas de desenvolvimento na comunicação e fala da criança.

Assim fica claro que o enfermeiro pode intervir junto a crianças com suspeita de TEA para observar os primeiros sinais do transtorno, o que pode auxiliar no diagnóstico precoce e início do tratamento para construir melhora significativa para a criança, além de auxiliar essas crianças após o diagnóstico, acompanhar sua evolução por meio de estratégias interessantes que os orientem na interação social, no desenvolvimento da fala e da comunicação, enfatizando que tudo isso deve acontecer no cuidado humanizado junto a uma equipe multidisciplinar, com a qual essa criança tenha a oportunidade de ser vista de maneira holística e integral.

O enfermeiro atua também em relação ao acompanhamento da família no enfrentamento do diagnóstico de TEA, pois para alguns é uma realidade pouco conhecida e com grandes implicações, principalmente devido ao preconceito da sociedade contra essas crianças. Nessa perspectiva, o enfermeiro atua como um facilitador na compreensão do transtorno por parte dessas famílias, na aceitação familiar em relação ao transtorno e no encorajamento das mesmas, promovendo assim toda a rede de apoio da criança, família, saúde, educação e sociedade como um todo.

Um dos cuidados primários que os enfermeiros prestam às crianças com autismo é o seu papel como agentes de socialização, realizando um trabalho de manejo junto à família, para que estas crianças possam socializar/integrar através de atividades que possam desenvolver ou aliviar os sintomas do TEA. Coerente com as famílias, o enfermeiro torna-se educador/mediador para mostrar a essas crianças a possibilidade de aprender a realizar as atividades cotidianas de forma prática, atividades simples, como tomar banho, escovar os dentes, comer, entre outras, ou seja, o enfermeiro abre esse leque de possibilidades, de certa forma, a proporcionar a esses pacientes uma melhor qualidade de vida.

Em suma, o trabalho do enfermeiro em conjunto com a equipe multiprofissional em relação ao cuidado a pacientes com TEA, principalmente as crianças, é ser uma ponte de acesso para entender as necessidades do paciente, ter uma visão holística e ver o que de fato pode mudar diante da realidade desses indivíduos e atuar, positivamente, no cuidado à saúde, a equipe não pode e não deve modificar o jeito como o indivíduo, como portadores de TEA, se desenvolvem, pois cada um apresenta diferentes tipos de desenvolvimento diferenciado, portanto, os pacientes com TEA precisam de apoio para desenvolver, à sua maneira, seus próprios resultados, sendo o enfermeiro o agente mediador dessas oportunidades, sempre visando a qualidade de vida desses pacientes.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. **Porto Alegre: Artmed**, 2014.

ANDRADE, R. L. D. P.; PEDRÃO, L. J. Algumas considerações sobre a utilização de modalidades terapêuticas não tradicionais pelo enfermeiro na assistência de enfermagem psiquiátrica. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 13, p. 737-742, 2005.

BARBOSA, M.A.M. *et al.* Cuidado centrado na família no contexto da criança com deficiência e sua família: uma análise reflexiva. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 21, p. 194-199, 2012.

BLAIR, D. C. **Wittgenstein, language and information: back to the rough ground**. Dordrecht/The Netherlands: Springer, 2006.

BORTONE, A. R. T; WINGESTER, E. L. C. N **SYNTHESIS| Revistal Digital FAPAM**, v. 7, n. 1, 2016.

BOSA, C. A. Autismo: intervenções psicoeducacionais. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 28, p. s47-s53, 2006.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília: Senado Federal, 2012.

CARNIEL, E. L.; SALDANHA, L. B.; FENSTERSEIFER, L. M. A atuação do enfermeiro frente à criança autista. **Pediatria (São Paulo)**, p. 255-260, 2010.

CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM DE RIO DE JANEIRO (COREn-RJ). **Enfermagem melhora qualidade de vida dos pacientes autistas**. Rio de Janeiro; 2021.

COSTA, R. C. S.; VOLPATO, S. R. P. Relação entre enfermeiro e paciente autista. In: **IX CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. Anais...** Ourinhos, Faculdade de Ourinhos, 10 a 12 de novembro de 2010.

CRUZ, F.P.; XAVIER, F.M. Acompanhamento de paciente adulto com autismo em uma instituição de apoio à saúde mental: um estudo de caso. Artigo (Graduação em Enfermagem) – **Faculdades Integradas PROMOVE**, Brasília, 2013.

DA SILVA BARBOSA, P.A.; DOS REIS NUNES, C. A relação entre o enfermeiro e a criança com transtorno do espectro do autismo. **Múltiplos Acessos**, v. 2, n. 2, 2017.

DARTORA, D.D.; FRANCHINI, B.; DA COSTA MENDIETA, M.C. A equipe de enfermagem e as crianças autistas. **Journal of Nursing and Health**, v. 4, n. 1, p. 27-38, 2014.

DE ARAUJO, C.M.; DE SOUZA NASCIMENTO, J.; DUTRA, W. L. O papel do enfermeiro na assistência à criança autista. **Revista Brasileira Interdisciplinar de**

**Saúde**, 2021.

DE PAULA NUNES, D.R.; AZEVEDO, M.Q.O.; SCHMIDT, C. Inclusão educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão da literatura. **Revista Educação Especial**, v. 26, n. 47, p. 557-572, 2013.

DE SENA, R.C.F. *et al.* Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 7, n. 3, p. 2707-2716, 2015.

DOMINGUES, T.A.M.; CHAVES, E.C. O conhecimento científico como valor no agir do enfermeiro. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 39, p. 580-588, 2005.

FADDA, G.M.; CURY, V.E. O enigma do autismo: contribuições sobre a etiologia do transtorno. **Psicologia em Estudo**, v. 21, n. 3, p. 411-423, 2016.

FEITOSA, F.A.; CASTRO, R.C.B.M. Atividades terapêuticas em hospitais psiquiátricos: papel do enfermeiro. **Rev Enferm UNISA [Internet]**, v. 6, n. 31, p. 23-31, 2005.

FERREIRA, A.C.S.S. *et al.* Conhecimento de estudantes de enfermagem sobre os transtornos autísticos. **Rev. enferm. UFPE on line**, p. 51-60, 2019.

FRANZOI, M.A.H. *et al.* Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 25, 2016.

GIL, A.C. *et al.* **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, A.N.; SILVA, C.B. Software Educativo para Crianças Autistas de Nível Severo. In: **4º Congresso Internacional de Pesquisas em Design**, Rio de Janeiro, 29 a 31 de março de 2007.

GOMES, P. *et al.* Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática. **Jornal de pediatria**, v. 91, p. 111-121, 2015.

JOHNSON, N.L. *et al.* Children with developmental disabilities at a pediatric hospital: Staff education to prevent and manage challenging behaviors. **Journal of pediatric nursing**, v. 27, n. 6, p. 742-749, 2012.

JR, W.C. *et al.* A história natural do autismo infantil em um hospital público pediátrico terciário: evoluções com atrasos globais do desenvolvimento, com regressão parcial e plena. **Revista Médica de Minas Gerais**, v. 24, n. 2, p. 150-154, 2014.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, D.A.M. **Fundamentos de metodologia científica**, v. 5, 2008.

MAGALHÃES, J.M. *et al.* Assistência de enfermagem a crianças autistas: uma revisão integrativa. **Enfermeria Global**, v. 19, n. 58, p. 531-559, 2020.

MAPELLI, L.D. *et al.* Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar. **Escola Anna Nery**, v. 22, 2018.

MELLO, A.M.S.R. **Autismo: guia prático** 8. ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2016.

MELO, C.A. *et al.* Identificação do papel do enfermeiro na assistência de enfermagem ao autismo. **Revista Mostra Interdisciplinar do curso de Enfermagem**, v.2 nº2, 2016.

MIZAEL, T.M. *et al.* Revisão de estudos sobre o Picture Exchange Communication System (PECS) para o ensino de linguagem a indivíduos com autismo e outras dificuldades de fala. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 19, p. 623-636, 2013.

MONTAGNER, J. *et al.* Dificuldades de interação dos profissionais com as crianças autistas de uma instituição educacional de autismo. **Arq. ciênc. saúde**, v. 14, n. 3, p. 169-174, 2007.

MOREIRA, M.B. *et al.* A análise funcional: aplicação dos conceitos. \_\_. **Princípios básicos da Análise do comportamento**. Porto Alegre: Artmed, p. 145-164, 2007.

NASCIMENTO, Y.C.M.L. *et al.* Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na Estratégia Saúde da Família. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 32, 2018.

ONZI, F.Z. *et al.* Transtorno do Espectro Autista: a importância do diagnóstico e reabilitação. **Revista Caderno Pedagógico**, v. 12, n. 3, 2015.

PEREIRA, C. C.V., BORGES, T. A. S., MARQUES, R. R. C. Tratamento e evolução de crianças autistas atendidas em uma associação de João Pessoa-PB. **Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança**, v. 13, n. 1, p. 76-84, 2015.

PINTO, R.N.M. *et al.* Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, 2016.

PRODANOV, C.C. *et al.* **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2.ed. Editora Feevale, 2013.

SAMPAIO, A. S. Transtorno autista e a abordagem cognitivo-comportamental: Possibilidade de auxílio psicológico. Retirado de <http://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/4121/transtorno-autista-eaabordagem-cognitivo-comportamental-possibilidade-de-auxilio-psicologico>, 2008.

SANTOS JÚNIOR, W.C. O autismo infantil e a enfermagem: uma revisão bibliográfica. Monografia (Graduação em Enfermagem) – **UnICEUB, Centro Universitário de Brasília**, Brasília, 2007.

SIEGEL, B. O mundo da criança com autismo: compreender e tratar perturbações do espectro do autismo. **Porto: Porto Editora**, 2008.

STEYER, S. *et al.* A Importância da Avaliação de Programas de Capacitação para Identificação dos Sinais Precoces do Transtorno do Espectro Autista–TEA. **Trends in Psychology**, v. 26, p. 1395-1410, 2018.

SEGEREN, L. *et al.* As vivências de mães de jovens autistas. **Psicologia em Estudo**, v. 19, p. 39-46, 2014.

SILVA, A. Autismo: um breve histórico. **Rev. Eletr. UNAMA**, v. 28, Supl.1, p. 65-74, 2011.

SOUSA, A.M.B.S. *et al.* Produções científicas sobre os cuidados de enfermagem às crianças com transtorno do espectro autista (TEA). **Rev Cient Multidisc Nucleo Conhecimento**, v. 1, p. 387-406, 2017.

TEIXEIRA, M.C.T.V. *et al.* Literatura científica brasileira sobre transtornos do espectro autista. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 56, p. 607-614, 2010.

VILANOVA, J. M. *et al.* Cuidados à criança com transtorno do espectro autista: atuação de cuidadores informais. In: **18º CBCENF. Anais...** João Pessoa, COFEN, 15 a 18 de setembro de 2015.

ZANATTA, E.A. *et al.* Cotidiano de famílias que convivem com o autismo infantil. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 28, n. 3, 2014.

## Página de assinaturas



**Everton Wanzeler**  
977.908.502-53  
Signatário

### HISTÓRICO

- |                         |   |   |
|-------------------------|---|---|
| 22 jul 2023<br>09:41:00 |    | <b>Everton Luís Freitas Wanzeler</b> criou este documento. (E-mail: enfermagem@fadesa.edu.br, CPF: 977.908.502-53)  |
| 22 jul 2023<br>09:41:01 |  | <b>Everton Luís Freitas Wanzeler</b> (E-mail: enfermagem@fadesa.edu.br, CPF: 977.908.502-53) visualizou este documento por meio do IP 191.6.100.17 localizado em Barcarena Nova - Para - Brazil |
| 22 jul 2023<br>09:41:04 |  | <b>Everton Luís Freitas Wanzeler</b> (E-mail: enfermagem@fadesa.edu.br, CPF: 977.908.502-53) assinou este documento por meio do IP 191.6.100.17 localizado em Barcarena Nova - Para - Brazil    |

